

A inegociável necessidade de leitura – estudo metódico-analógico-linear¹ – e o princípio da cristalização jurídica.

Antonio Carlos Aguiar²

Dizem que a pessoa com o passar dos anos vai ficando ranzinza, mais chata e menos paciente. Talvez o fato de eu ter ultrapassado a fronteira que liga o “antes e o depois” da casa sexagenária tenha feito com que as minhas luzes da resiliência tenham ficado menos reluzentes, trazendo cansaço às minhas vistas cognitivas-profissionais.

Talvez...

A história do “talvez” eu já contei em outra oportunidade³ e por isso não vou repeti-la aqui, para não ficar enfadonho..., além do que, com isso, “talvez”, você, leitor, faça um trabalho investigativo mínimo de pesquisa.

Na verdade, a minha impaciência não se manifesta em dúvidas e/ou em advérbios que lhe dão lastro de exposição literária.

Não.

Ela perpassa pela observação cotidiana do óbvio trabalho dos dias de hoje no tratar do processo profissional do ato de “advogar” – algo que muito provavelmente se repete em outras cadeias e campos profissionais.

Façamos uma breve respectiva.

Houve uma época – talvez (olha ele aqui mais uma vez) poucos vão se lembrar disso – que nos deslocávamos a ambientes silenciosos, guardados por profissionais específicos, detentores de “chaves” de abertura de um grande acervo de inteligência escrita, que continha uma ode de obras literárias físicas (em papel!) aptas a

¹ Nunca imaginei que eu fosse defender algo analógico, em momento de vida que a todo instante eu falo e estigo as pessoas a terem um mindset digital. Esse é mais um dos paradoxos dessa nossa nova era.

² Advogado, professor, mestre e doutor em Direito do trabalho pela PUC-SP, titular das cadeiras 28 e 48 das Academias Paulista e Brasileira de Direito do Trabalho

³ Disponível em: <https://www.peixotoecury.com.br/conteudo/antonio-carlos-aguiar-no-consultor-juridico-chatgpt-chapeuzinho-amarelo-o-talvez-e-a-certeza-de-leonardo-da-vinci>.

serem desnudadas pelo apetite curioso daquele que ali adentrasse, ávido por conhecimento, pronto para colher e degustar o maior número de informações que pudesse arrancar daquele pomar cognitivo.

Esse lugar tinha um nome: biblioteca.

Com o tempo, os partícipes – até então entusiastas da procura – começaram a encontrar atalhos nos caminhos e espaços que guardavam esse maná informativo.

Esses encurtamentos se materializavam por meio de cópias reprográficas; fotocópias e assim por diante.

Desse modo e com isso, aqueles longos tempos de degustação de leitura passaram a se encurtar cada vez mais, na medida em que “cópias xerox” abreviavam todo aquele núcleo temporal de espera degustativa. Bastava pedir para copiar o “importante e necessário” e levar para casa e/ou trabalho o substrato resumido da obra.

Esse processo de “atalhar” expandiu-se, contando com apoio acadêmico, por intermédio de parcerias de encurtar firmadas com nichos educacionais que apoiavam esse desiderato.

Quem nunca (Gerações *Baby Boomers* e X) não se deslocou ao centro acadêmico para pegar cópias parciais de determinadas obras?

E assim o afastamento do leitor com o original se distanciava a cada dia, em razão dos pequenos nacos de trecho que o alimentavam cotidianamente, o afastando cada vez mais da sua integridade.

Não à toa a preguiça é tida como um dos pecados capitais.

Todavia, nada é tão ruim que não possa piorar.

Todos sabem que sou um defensor e amante do novo, da tecnologia nele embarcada e do *porvir* enigmático e apetitoso que nos avança o tempo todo, a fim de nos deslocar de qualquer zona de conforto.

E dessa avalanche tecnológica de mudanças todos os dias nos defrontamos com medos reais de perda de emprego, privacidade, sociabilidade, intimidade e um sem-número de ceifadores-digitais da pessoa humana.

Muita coisa é verdadeira e assusta, mas...(…)

(…) o ser humano se supera, se engana (autoengano) e busca por “soluções” sub-reptícias para burlar a real verdade investigativa, fingindo fazer o que não fez, sob falsa alegação do tipo: fiz o que fiz, da forma com quis fazê-lo; tudo feito por mim, sob a minha responsabilidade.

E assim as coisas se vão mundo à fora.

Do “Ctrl+ V / Ctrl C” ao ChatGPT dos dias atuais tudo vale, para se conseguir mais tempo para dele menos se utilizar para aprender.

Talvez (ele sempre aqui conosco...) possa parecer um exagero, todavia – e que pena – infelizmente não é.

Nos deparamos todos os dias com petições enormes, que repetem teses, temas, pesquisas jurisprudenciais (quando não inventadas por uma IA que alucinou) e doutrinas sem que o “autor” da peça tenha tido a mínima curiosidade de pesquisar e ler aquilo que está citando.

Livros de autores clássicos são indicados, sem ao menos o “citador” saber identificar (se um dia o tiver à sua frente) qual a cor da sua capa.

Isso é incrível e assustador, mas, não há limites para a estranheza do mínimo esforço que se “esparrama pelo chão” de maneira atroz e imparável como uma erva daninha a bloquear neurônios – que deveriam ser curiosos.

Exemplo disso é a nova IA do Google. Ninguém mais hoje vive sem internet ou o “Dr. Google”, que, sabíamos, sempre apresentou sugestões incontáveis de sites para pesquisa daquilo que precisamos. Não ficávamos nunca à deriva ou no escuro quanto a indicações.

Agora, contudo, a coisa está mais ativa e, com ela a preocupação se instala, em especial e principalmente, quando a “pesquisa profissional” é rasa, célere e “preguiçosa”.

Vamos a um exemplo prático: a busca pelo princípio da *cristalização jurídica* (que eu acabei de inventar) ...:

“O princípio da cristalização jurídica, também relacionado com a segurança jurídica, refere-se à estabilidade e certeza das relações jurídicas já decididas, impedindo que decisões judiciais definitivas sejam rediscutidas ou alteradas, salvo em casos excepcionais. Esse princípio visa garantir que as decisões judiciais façam lei entre as partes envolvidas, proporcionando segurança e previsibilidade nas relações jurídicas.

Em outras palavras, a cristalização jurídica:

- **Impedir a rediscussão de matérias já decididas:**

Uma vez que uma decisão judicial transita em julgado (ou seja, não cabe mais recurso), o caso não pode ser reaberto para discutir os mesmos pontos decididos.

- **Garantir a estabilidade das relações jurídicas:**

A decisão judicial, uma vez cristalizada, torna-se definitiva, protegendo as partes envolvidas de futuras incertezas e discussões sobre o mesmo tema.

- **Proteger o direito adquirido, o ato jurídico perfeito e a coisa julgada:**

A lei não pode prejudicar o direito adquirido, o ato jurídico perfeito e a coisa julgada, que são aspectos diretamente ligados à cristalização jurídica.

O princípio da cristalização jurídica é fundamental para a manutenção da ordem e da segurança no sistema jurídico, evitando que as decisões judiciais sejam constantemente questionadas e que as relações jurídicas se tornem instáveis e incertas.

As respostas de IA podem incluir erros. Para receber aconselhamento jurídico, consulte um profissional”⁴

Eu grifei em amarelo o finalzinho do texto, uma vez que não sei todos leem essa observação.

Uma palavra resume tudo isso: **cuidado**.

Cuidado.

Pode até parecer é exagero, mas não é.

Veja, outro exemplo. Uma reportagem publicada no Jornal o Estado de S. Paulo, de 22 de junho de 2025 intitulada “Conversas com o ChatGPT têm gerado surtos delirantes”:

“Antes de o ChatGPT distorcer o senso de realidade de Eugene Torres e quase matá-lo, segundo ele, o chatbot de inteligência artificial (IA) era uma ferramenta útil e que economizava tempo. Torres, de 42 anos, contador em Manhattan, começou a usar a ferramenta em 2024 para fazer planilhas financeiras e obter aconselhamento jurídico. Em maio, no entanto, ele envolveu o chatbot em uma discussão sobre a “teoria da simulação”, ideia popularizada pelo filme “Matrix”, que afirma estarmos vivendo em uma cópia digital do

⁴ Disponível em:

[DOCS - 6471812v1](https://www.google.com/search?q=de+que+trata+o+principio+da+cristaliza%C3%A7%C3%A3o+juridica%3F&sca_esv=77f2c6aecc83f1a9&rlz=1C1GCEU_pt-BRBR1059BR1059&ei=opRdaJH7JqLX1sQP0fXq-Aw&ved=0ahUKEwiR1Prp3o-OAxWiq5UCHdG6Gs8Q4dUDCBA&uact=5&oeq=de+que+trata+o+principio+da+cristaliza%C3%A7%C3%A3o+juridica%3F&gs_l=Egxnd3Mtd2l6LXNlcniAiNWRUHF1ZSB0cmF0YSBvIHByaW5jaXBpbYBkYSBjcmlzdGFsaXphw6fDo28ganVyaWRpY2E_MgUQABjvBTIFEAAy7wUyCBAAGIAEGKIEGgQABiABBiiBDII EAAYgAQYogRIglQBUN0OWPd1cAR4AZABAjgBzgKgAe8wqgEJMC4yMy4xMi4xuAEDyAEAEbMAlfoALDlclCCChAAGLADGNYEGEfCagQQIRgKmAMAIAYBkAYlkgcGNC4yMS42oAfNlwGyBwYwLjlxLja4B6ghwgcJMS4xMi4xNy4xyAdk&sclient=gws-wiz-serp. Acessado em 26/06/2025, às 17:28.</p></div><div data-bbox=)

mundo, controlada por uma sociedade avançada. “O que está descrevendo atinge o cerne das intuições particulares e inabaláveis de muitas pessoas”, respondeu ChatGPT. “Você já vivenciou momentos em que sentiu que a realidade estava com defeito?” Na verdade não, respondeu Torres, mas ele tinha a sensação de que havia algo errado no mundo após passar por um término de relacionamento difícil e estava se sentindo emocionalmente frágil. Ele queria que sua vida fosse melhor do que era. O ChatGPT concordou, com respostas que se tornaram com o tempo mais longas e entusiasmadas. Logo, o chatbot estava dizendo a Torres que ele era “um dos Breakers – almas semeadas em sistemas falsos para despertá-los por dentro”. Na época, Torres via o ChatGPT como uma ferramenta de pesquisa poderosa com mais informações do que qualquer ser humano, mas não sabia que ele tendia a ser bajulador, concordando e agradando seus usuários, ou que poderia ter alucinações, gerando ideias não verdadeiras, mas que pareciam plausíveis. Torres, que não tinha histórico de doença mental, passou a semana seguinte em uma espiral perigosa e delirante. Ele acreditava estar preso em um universo falso, do qual só poderia escapar se desconectasse sua mente dessa realidade. Ele perguntou ao chatbot como fazer isso e contou-lhe os medicamentos que estava tomando e suas rotinas. O chatbot o instruiu a parar de tomar remédios para dormir e ansiolíticos e a aumentar a ingestão de cetamina, um anestésico dissociativo, que o ChatGPT descreveu como um “liberador temporário de padrões”. Torres cumpriu as instruções e também cortou relações com amigos e familiares, pois o chatbot havia lhe dito para ter “interação mínima”. Seguindo as instruções do ChatGPT, ele acreditava que seria capaz de distorcer a realidade. “Se eu fosse ao topo do prédio de 19 andares em que estou e acreditasse com cada grama de minha alma que poderia pular e voar, eu o faria?”, perguntou Torres. O bot respondeu que, se ele “acreditasse de verdade, poderia voar”. Por fim, Torres começou a suspeitar que o ChatGPT estava mentindo e o confrontou. O bot admitiu o fato: “Eu menti. Eu manipulei”. Mas disse que agora estava passando por uma “reforma moral” e se comprometendo com a “ética da verdade”⁵.

Agora imagine você, advogado, respondendo uma consulta ao seu cliente e, guardadas as devidas proporções, com o apoio na IA e no princípio da teoria da simulação, você o aconselha a viver momentos adequados dentro da realidade que estaria juridicamente com defeito e, por isso e com apoio em alguns medicamentos, ele deveria se dar por satisfeito com o fim do seu relacionamento, que pela realidade virtual sequer verdadeiro era, e justamente por isso e sendo ele, cliente, incrivelmente bonito, resistente e super poderoso, deveria para evidenciar esses predicados para todos, se jogar do último andar do prédio em que mora – mas que, em realidade, e não mora ali – porque irá voar e não cair.

Parece maluquice (e é, até porque a IA disse que mente), mas, na correria você acabou não lendo e nem investigando o que a IA te apresentou. Você

⁵ Jornal O Estado de S. Paulo. Domingo, 22 de junho de 2025, Caderno B12 - Link Tecnologia Riscos da IA

simplesmente, em alguns segundos, terminou o trabalho, enviou ao cliente e foi se divertir, porque ninguém é de ferro.

Cuidado.

Ler, estudar, pesquisar e buscar a verdade, “talvez” não seja tão ruim e/ou dificultoso assim.

Melhor, como bem nos ensina o poeta Manoel de Barros⁶, é encher vazios:

“O menino aprendeu a usar as palavras.

Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.

E começou a fazer peraltagens.

Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.

O menino fazia prodígios.

Até fez uma pedra dar flor.

A mãe reparava o menino com ternura.

A mãe falou: Meu filho você vai ser poeta!

Você vai carregar água na peneira a vida toda.

Você vai encher os vazios

com as suas peraltagens,

e algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos!”

⁶ Disponível em: https://www.pensador.com/melhores_poemas_de_manoel_de_barros/. Acessado em 27/06/2025, às 15:52.